



Mediunidade: consciência e evolução

Por Rejane Planer

O início de cada ano é sempre regado de esperanças, e também oportunidade para reflexões e renovação, a qual somente se logra com esforço e vontade. Meditar sobre o grande fenômeno que é a vida envolve a reflexão sobre quem somos, como agimos no mundo e quais as consequências de nossas ações. Exige consciência de si mesmo, a sabedoria de reconhecer o que se pode e deve fazer, enfim, exige responsabilidade.

Estar consciente da nossa constante interação com os seres que convivem conosco é essencial para o bem viver. E aqui nos referimos não somente à comunicação com os outros indivíduos que convivem conosco nesta vida terrena, mas também com aqueles que, por estarem desencarnados, não são facilmente percebidos por todos, apesar de estarem tão presentes quanto os primeiros.

Allan Kardec escreve que todo aquele que sente, em

qualquer grau, a influência dos Espíritos é médium. A faculdade mediúmica é inerente ao ser humano e está presente em maior ou menor grau em todos os indivíduos. Alguns nem se apercebem dessa faculdade, enquanto outros conscientemente fazem uso dela. No arco-íris da vida, a mediunidade também se mostra em vários tons e nuances.

Vianna de Carvalho (Espírito), através da psicografia de Divaldo Franco, ensina que “a

mediunidade é registro paranormal que se encontra ínsito na criatura humana, à semelhança da inteligência e da razão.”¹ Quanto ensinamento temos nessa sentença! Mediunidade é registro paranormal, porque aquele que se comunica com os Espíritos desencarnados também evidencia outras habilidades no âmbito da paranormalidade. É característica do ser humano, que lhe desenvolve a capacidade, assim como aprimora a inteligência e a razão, através da sua caminhada evolutiva de espírito imortal e, portanto, é também instrumento da sua própria evolução.

Desperta no ser humano, como conquista evolutiva e ferramenta de trabalho na luta interior de crescimento em direção à luz divina, à felicidade. Sendo assim, os sinais da mediunidade são encontrados desde as eras mais primitivas da civilização humana, dos seres humanos mais primevos que viviam nas cavernas às civilizações antigas, entre os egípcios, ou no Oriente, e mais adiante na Grécia e na Roma dos primeiros cristãos, para entrar nas sombras da Idade Média e finalmente libertar-se ao ser decodificada sob os estudos e análises do mestre lionês Allan Kardec.

Na obra *Evolução em dois mundos*,² André Luiz (Espí-

rito) afirma que “a intuição foi o sistema inicial de intercâmbio, facilitando a comunhão das criaturas”, de acordo com a Lei de Sintonia: os bons atraindo os Espíritos já melhorados, e os rebeldes atraindo os seus semelhantes. A intuição é a semente da mediunidade, que começa a se formar; é a indução mental no sentimento ou na ideia, que serve de elemento fomentador do progresso ou da desgraça, aliás, como ainda atualmente é.

Assim, ontem como hoje, ao fixar-se em ideias no bem, o indivíduo recebe intuição de seus amigos e protetores para melhor decidir e enfrentar os desafios que a vida lhe impõe. Ao contrário, quando teimoso, deixa prevalecer as ideias irracionais da mágoa e dos ressentimentos, ambos precursores do ódio, abrindo espaço para que inteligências maldosas lhe transmitam intuitivamente pensamentos e ideias irritantes ou maléficas, que lhe podem exacerbar os ânimos e trazer consequências danosas a si e à comunidade da qual participa.

Ao entrar na fase do pensamento contínuo, o sono veio contribuir no desabrochar da mediunidade. Além do benefício do refazimento físico, o ser humano começa pouco a pouco a ensaiar o desprendimento parcial do

corpo espiritual durante o sono. Preso aos problemas do dia a dia, permanece confinado nas próprias ideias e desejos ou ao remorso, sofrendo a influência de seres desencarnados que se lhe afinam por ideias, inspirando e oferecendo ajuda de ordem moral ou subjungando, sugando suas energias e intuindo ideias nocivas. Assim, paulatinamente, o ser descobre e expande seu potencial mediúnico e anímico, fazendo suas escolhas, colhendo os frutos saborosos ou amargos daquilo que semeou.

A nobre mentora espiritual Joanna de Ângelis, ao analisar os conflitos da criatura humana na obra *Conflitos existenciais*, aponta como causa de muitos deles “a ânsia de poder, inerente ao ser humano pelo seu atavismo ancestral do processo de evolução animal”.³ Essa luta pelo poder, que auxilia o desenvolvimento da inteligência e da vontade, mascara-se de muitas formas, de modo que, quando o ego predomina em vez do sentimento, manifesta-se sob a forma de ressentimento, raiava ou outras emoções e comportamentos danosos ao ser e à sociedade.

Ao se permitir emoções geradas pelo ego, sempre individualista, o ser abre portas para influências daqueles que se lhe opõem por

serem seus inimigos diretos ou dos ideais que professa. Como todos somos médiuns, no sentido que sofremos as influências dos Espíritos, já podemos antecipar as consequências da nossa invigilância. Essas influências serão sob a forma de intuição para aqueles em que a mediunidade é ainda incipiente ou não aparente; enquanto que nos médiuns, se não forem conscientes e conhecedores de si mesmos, tornam-se joquetes de outrem e deixam-se levar inconscientemente para situações degradantes e sofredoras.

Recentemente, uma jovem senhora contou-nos que anos atrás esteve doente e passou por duas operações conse-

cutivas, sem que os médicos identificassem a causa da infecção que se generalizava. No dia em que foi notificada da possibilidade de uma terceira operação, recebeu o telefonema de uma amiga médium, que sem preâmbulos, em conversa ‘fraterna’, informou-a de que não sobreviveria a uma terceira operação. É claro que a jovem senhora entrou em pânico, desesperou-se com a notícia trágica, mas sem alternativa, pois, se iria mesmo definhando, enfrentou a cirurgia com muito medo.

Kardec afirmou que “a mediunidade é simplesmente uma aptidão para servir de instrumento mais ou menos dúctil aos Espíritos em geral”.⁴ Analisar com cuidado

as comunicações que recebe, evitando divulgar notícias e revelações fantasiosas, é responsabilidade e dever do bom médium.

Como a mediunidade é neutra, pois é de caráter fisiológico, o médium lhe dará as cores da sua própria evolução intelecto-moral. Desconhecedor da compaixão, se for indivíduo de sentimentos frios, pode gerar mais dor, ao ser um canal de comunicação dos Espíritos inferiores, que se afinam ao seu pensamento egoístico. Mas também pode ser oportunidade de aperfeiçoamento intelecto-moral, de avanços na caminhada evolutiva, pelas oportunidades de autorrecuperação que proporciona

“Analisar com cuidado as comunicações que recebe, evitando divulgar notícias e revelações fantasiosas, é responsabilidade e dever do bom médium.”

através da dignificante atuação do médium na sociedade. Grande exemplo de excelente vivência mediúnica temos no querido benfeitor, médium, humanista e educador Divaldo Franco, sua obra de amor ao próximo fala por si própria, ao conhecermos a *Mansão do Caminho*.

Na sua obra *Dias gloriosos*,⁵ alerta-nos Joanna de Ângelis, através da psicografia de Divaldo Franco, que a mente responde conforme o tipo de ordens que recebe, e que, quando os maus hábitos tornam-se constantes, surgem fatores degenerativos. Estendendo o raciocínio, podemos inferir a influência nos grupos de indivíduos que a princípio estão em harmonia, mas de tempos em tempos sofrem desequilíbrios, lutas internas entre seus membros e até mesmo rompimentos, como consequência das atitudes inadvertidas de uns, que acham espaço na paciência de outros.

Como condutor do pensamento do Espírito encarnado, o médium pode agir ou reagir, quando sob influência de outras mentes desencarnadas. Sua sensibilidade aguçada age como um canal de comunicação, recebendo as influências em maior proporção que o indivíduo comum. No entanto, como ser inte-

ligente e racional, é responsável por aquilo que cria, sejam obras, palavras ou pensamentos.

Num grupo, seja na Casa Espírita, seja fora dela, uns podem ser médiuns, outros não, mas todos são herdeiros de si mesmos, agem conforme seus hábitos mentais, estão sob a injunção daqueles que se lhes afinam, que podem auxiliá-los ou contrapô-los, como indivíduos ou como grupo.

É imperativo que o indivíduo consciente busque identificar sob quais influências se encontra, para que possa evitar injunções e situações danosas a si mesmo e/ou ao grupo em que opera. Sendo assim, a disciplina e a vontade, aliadas à oração e à meditação, são as ferramentas na busca do autoconhecimento e da vivência da Psicologia do Amor que Jesus nos ensina em Seu Evangelho. **PE**

**“[...] Alerta-nos Joanna de Ângelis,
através da psicografia de Divaldo Franco,
que a mente responde conforme o tipo de ordens
que recebe, e que quando os maus hábitos
tornam-se constantes, surgem fatores
degenerativos.”**

REFERÊNCIAS:

1. FRANCO, Divaldo; CARVALHO, Manuel Vianna de [Espírito]. *Médiuns e mediunidades*. 4ª ed. Salvador: LEAL, 1990, cap. 7, p. 37.
2. XAVIER, Francisco C.; LUIZ, André [Espírito]. *Evolução em dois mundos*. 15ª ed. Brasília: FEB, 1997, p. 128.
3. FRANCO, Divaldo; ÂNGELIS, Joanna de [Espírito]. *Conflitos existenciais*. 6ª ed. Salvador: LEAL, 2015, cap. 5.
4. KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Trad. de Guillon Ribeiro da 3. ed. francesa. Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. 24, item 12.
5. FRANCO, Divaldo; ÂNGELIS, Joanna de [Espírito]. *Dias gloriosos*. 5ª ed. Salvador: LEAL, 2015, cap. 4.